



JORNAL

Psicologia em Foco

www.grupopsicologiaemfoco.com.br

ISSN 2178 - 9096 - Maringá

ABRIL E MAIO DE 2014 - Nº 20

Oficina do Saber



#29

PROJEÇÃO NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS



com Maria Cristina Recco

24.ABRIL

INÍCIO ÀS 20H AUDITÓRIO DA PUC

PH.RIGON

inscrições pelo telefone ou pelo e-mail - contato@grupopsicologiaemfoco.com.br
visite nosso site em - www.grupopsicologiaemfoco.com.br



apoio:



Psicologia em Foco
ISSN 2178-9096

CONVITES
LIMITADOS

CONVITES

RODRIGO CORRÊA - 9805 8838 (UEM)
RAQUEL ABEICHE - 9991 3139 (CESUMAR)
MARIA RENATA - 9840 7636 (UNINGÁ)
VINICIUS ROMAGNOLLI - 9985 8839 (PROFISSIONAIS)

Depósitos Santander

Vinicius Romagnolli
Ag. 0163
C/C 01014296-9

investimento

Antecipado	Portaria
R\$ 25,00 (ESTUDANTES)	R\$ 35,00 (ESTUDANTES)
R\$ 35,00 (PROFISSIONAIS)	R\$ 45,00 (PROFISSIONAIS)

SESSÃO ESPECIAL

PÁG. 03

A maternidade é uma ilha

RODA DE PSICANÁLISE

PÁG. 07

Queremos justiça?

COMPORTAMENTO EM PAUTA

PÁG. 09

Uma visão Behaviorista radical da vida após a morte

GESTALT EM FOCO

PÁG. 11

Gestalt-Terapia: uma revisão de seus pressupostos teóricos e filosóficos

ENTREVISTA

PÁG. 12

JPF entrevistou a psicóloga Dra Angela Maria Pires Caniato



IMOBILIÁRIA
SILVIO IWATA
Uma decisão de confiança!

LOCAÇÃO | VENDA | LANÇAMENTO

www.silvioiwata.com.br

[44] 3023-8981 Av. Duque de Caxias, 718

[44] 4009-8981 Rua Néo Alves Martins, 2851

[44] 3023-8929 Av. Euclides da Cunha, 1088

**Coordenação:**

Vinícius Romagnolli R. Gomes | CRP 08/16521

Edição:

Fernanda Ferdinandi

Redação:

Eduardo Chierrito; Luiz Antonio Trentinalha; Mayara Coutinho; Raquel Abeche; Rodrigo Corrêa; Roseane Pracz e Renan Miguel Albanezi

Revisão:

Ariana Krause; Giovanna Bertoni; Jessica Demiti.

Divulgação:

Maria Renata Borin, Cicero Félix, Ieda Marinho, Thaís De Paiva Vidal, Gabriela Cristófoli

Impressão:

GRÁFICA O DIÁRIO

Arte & Diagramação:

VilaÓpera
agência de conteúdo ★ ★ ★

Tiragem: 3000 exemplares

Quer publicar seu artigo com a possibilidade de ampliação de seu currículo, e realizar a divulgação de sua clínica, empresa ou evento? ENTRE EM CONTATO CONOSCO!

Divulgue seu artigo, clínica, empresa ou evento.
contato@grupopsicologiaemfoco.com.br

www.grupopsicologiaemfoco.com.br
[44] 9985-9839 - Vinícius Romagnolli



O EXTRAORDINÁRIO E O BANAL

VINÍCIUS ROMAGNOLLI R. GOMES

é psicólogo (CRP 08/16521) e coordenador do Jornal Psicologia em Foco.

Caro Leitor,

Há mais de um século Fernando Pessoa, numa clara crítica ao mundo das aparências, onde tudo precisa ser belo e inteligente o tempo todo ironizava “nunca conheci quem tivesse levado porrada, todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo”.

Voltando para os dias de hoje, vemos esse cenário intensificado, em especial pelas redes sociais, que ao mostrar os melhores momentos de seus bilhões de usuários nos aponta um “mundo perfeito”. Todos os dias “assistimos” a grandes conquistas; nosso cotidiano parece estar repleto de grandes feitos, sendo que o que era extraordinário passou a ser banal. Afinal, quem cresce rodeado pelo superlativo, acaba por perder a paciência para se surpreender.

Não estou dizendo aqui que não devemos celebrar nossos feitos e conquistas. Fazendo uma auto-análise, me dei conta de que ao longo desses quase 4 anos como editor do JPF, venho a cada edição celebrando algo; da distribuição que

inicialmente era restrita à Maringá para outras cidades e IES ao aumento no número de páginas, da melhoria gráfica e de diagramação à criação do nosso site; da criação da Oficina do Saber ao JPF colorido, enfim, muitos foram os motivos para comemorar que enalteci neste espaço.

Certamente nesse período também tivemos dificuldades e dissabores, mas curiosamente não os mencionei e aqui me indago: a que se deve isso? Não podemos perder de vista que nada vem “do nada” e que a despeito do mundo cor de rosa que postamos e compartilhamos nas redes sociais (e fora delas) a vida é feita de desafios e dias difíceis; banais. E é só essa “banalidade” do cotidiano e da rotina que pode nos levar a atribuir sentido a algo especial que acontece. Quando paro e me sento para escrever o editorial do JPF a cada 2 meses, consigo, portanto, ver o extraordinário trabalho feito por nossa equipe após dias e dias de trabalho árduo. Não há recompensa sem esforço, algo que soa óbvio e clichê, mas que vez por outra precisa ser lembrado.

Boa leitura!

Quem somos nós

Jornal Psicologia em Foco (ISSN 2178-9096) surgiu no ano de 2010, idealizado pelos então acadêmicos do 5º ano de Psicologia do Cesumar; Vinícius Romagnolli R. Gomes, Diogo A. Valim e Roberto M. Prado. O projeto tem como proposta viabilizar um espaço para a produção científica de acadêmicos e profissionais da Psicologia, bem como para promoção e divulgação dos importantes acontecimentos e eventos relaciona-

dos à Psicologia, tais como palestras, cursos, debates, grupos de estudos, entre outros.

Em 2011, na comemoração de 1 ano do JPF foi criada a Oficina do Saber. O Jornal se sustenta com o apoio dos colaboradores e patrocinadores e tem sua distribuição gratuita, alcançando o público acadêmico de diversas instituições de ensino, cursos de pós-graduação e profissionais da área. Atualmente o Jornal Psicologia em Foco tem uma tiragem de 3000 exemplares e periodicidade

bimestral. Já as Oficinas acontecem mensalmente na PUC.

MISSÃO: Promover a troca de saberes em um espaço inovador

VALORES:

COMPROMETIMENTO
BRILHO NOS OLHOS
ESPÍRITO DE EQUIPE
QUALIDADE
PRÓ-ATIVIDADE
FOCO NO CLIENTE



SAIA LIDERANDO MELHOR EM 1 HORA.

Melhore-se AGORA (44) 9834-1777
Soluções para você e sua empresa.



MASTER
GUIMARÃES
COACHING & COMUNICAÇÃO AVANÇADA



SAIA FALANDO BEM EM 1 HORA.

Fale conosco neste Jornal.



RENATA FROSSARD
é Psicóloga (CRP
08/19269), Doula e
graduada em adminis-
tração. É idealizadora e co-
ordenadora do Maternati.
info@maternati.com.br

A maternidade é uma ilha

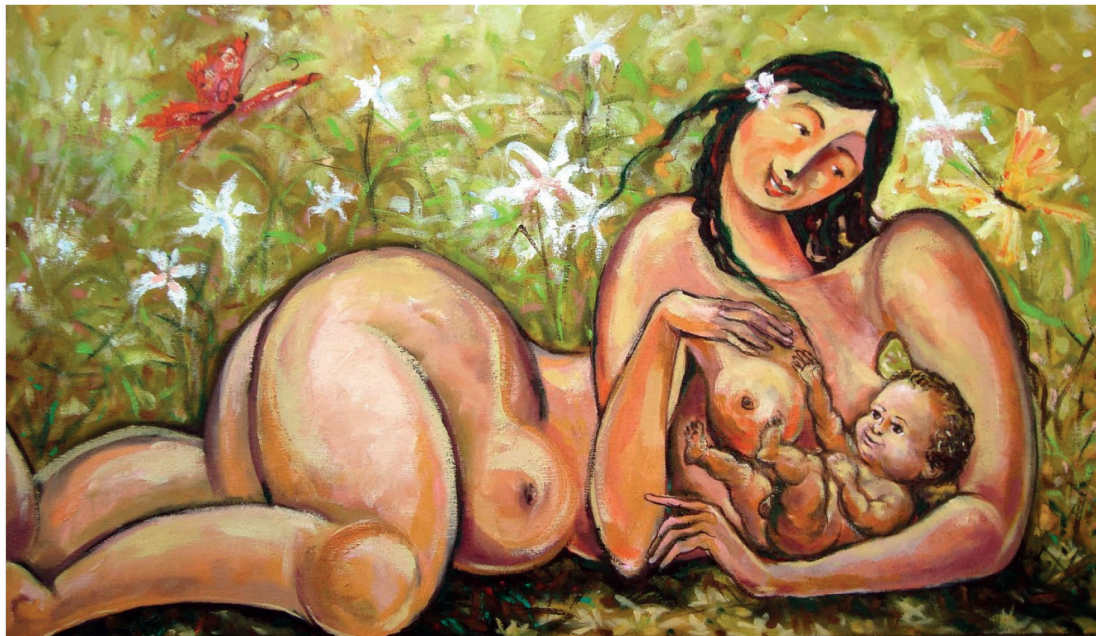
Assis Costa

“Ser mãe é padecer no paraíso.” Essa frase é conhecida por todos nós e faz parte de uma poesia do início do século passado. Porém, embora tenha sido amplamente repetida, ela não explica nas entrelinhas que esse suposto paraíso é, na verdade, uma ilha. A maternidade atual é solitária, e cercada de mitos por todos os lados. A geração de mães que vive hoje nas grandes cidades, muitas vezes tem a difícil tarefa de cuidar, sozinha, de um bebê que acabou de nascer. São mulheres que, na maioria das vezes, tiveram pouca ou nenhuma experiência anterior no cuidado com recém-nascidos, pois a nossa realidade social atual constitui-se de famílias reduzidas e isoladas umas das outras. Por isso, quase sem nenhuma ajuda e conhecimento prático, essas mulheres se veem, repentinamente, lançadas nessa difícil e intensa missão.

Historicamente, vemos que as mulheres sempre tiveram o costume de criar seus filhos em grupos. Viviam em grandes famílias, ou em vilas e pequenos povoados. Contavam com a ajuda de parentes, vizinhas ou outras mulheres mais experientes, e as crianças cresciam e brincavam em espaços comuns. Mas com a mudança conjuntural do nosso século, a vida nas grandes cidades trouxe o isolamento e o individualismo.

Durante a gestação, as mães de hoje são convencidas de que o necessário para a maternidade é adquirir os itens indispensáveis do enxoval. Buscam suprir seus lares com todo tipo de produto anunciado como imprescindível, mas muitas vezes não se abastecem de informações e não preparam seu psiquismo para a grande mudança que a maternidade traz. O mito da mãe feliz e do bebê tranquilo, difundido nas propagandas e na mídia, é desmistificado nos primeiros dias. A mãe é inundada por sentimentos e sensações que não esperava. Angústia, alegria, medo, perda de identidade, cansaço, admiração, amor, solidão...

Para conseguir apoiar e cuidar do bebê, as mulheres também precisam receber esse mesmo apoio e cuidado. Em algumas situações, elas dispõem de alguém presente e capaz de fornecer esse amparo. Porém, pode acontecer de serem cercadas por pessoas que, no intuito de ajudar, invadem sua privacidade e ditam regras e conselhos. A licença-paternidade de poucos dias também impede que o pai do bebê participe mais ativamente desse momento. Em pouco tempo, ele precisa voltar à antiga rotina e a



mãe sente-se estranha em seu novo papel. Sempre acostumada à independência e à vida profissional, ela se vê dependente e, ao mesmo tempo, responsável por um outro ser que demanda atenção e dedicação durante todo o tempo.

A experiência da maternidade conduz a certas fronteiras psíquicas, em que sentimentos e lembranças que pareciam enterrados ou esquecidos, parecem transbordar, enquanto outros novos sentimentos são experimentados pela primeira vez. No trabalho que realizamos com grupos de mães, vemos que o puerpério é traduzido em palavras como solidão, mudança, isolamento, dependência e introspecção. As mães anseiam em poder partilhar suas dúvidas, reduzir sua ansiedade e compreender-se nesse novo papel. O círculo de amigos muitas vezes precisa ser renovado, já que os assuntos tornam-se outros, e o que antes parecia estranho, se torna corriqueiro, como mamadas, sono, cólicas e cocôs. Por isso a importância de se multiplicarem os grupos e espaços de convivência, que sirvam como locais de apoio, acolhimento e troca de saberes para essas mães.

A maternidade é intensa e solitária, e em grande parte é socialmente negada. A sociedade finge não ver o papel crucial que os primeiros

meses e anos de vida têm no desenvolvimento de um novo ser e na promoção de um futuro melhor. As mulheres que optam por reduzir sua carga de trabalho, ou mesmo se dedicar a seus filhos em tempo integral, são criticadas e incompreendidas. A ampliação da licença-maternidade é vista como prejuízo econômico. Não há tempo a perder com o novo ser que chega ao mundo e necessita de sua mãe. Não há tempo a perder com o apoio a essa mãe, para que possa cuidar e amparar esse novo ser.

É urgente e necessário que se amplie o olhar sobre a maternidade para que as próprias mães possam se reconhecer e se valorizar em seu papel. Que se considere a divisão de tarefas e a participação maior dos pais nesse momento tão crucial. É preciso auxiliar e apoiar as mães a transporem essa ilha e atravessarem os mares em busca de uma maior realização e integração de suas identidades. Dessa forma, elas serão emocionalmente capazes de se conectar com seus bebês desde a gestação e no período após o nascimento, acolhendo-os em suas necessidades e suprindo-os em seu afeto, e assim contribuindo para o crescimento de uma nova consciência, de uma sociedade mais justa e humana, para todos.

Neurofeedback Maringá

Responsável:
MARCELO MOREIRA KHOURY
Psicólogo
CRP 08/16593

Av. Itororó, 805 - Zona 02
Fone: 44-3226-6688
Maringá - Paraná



Atualmente os psicólogos têm ousado muito em propaganda, quais os limites e orientações para divulgação do trabalho?

Com a ampliação do campo de atuação da psicologia e o constante aumento de psicólogos que se inserem no mercado de trabalho, multiplica-se a oferta de serviços psicológicos. Este fato pode ser considerado positivo, pois, facilita o acesso à população que busca este serviço, confere uma maior visibilidade à psicologia na sociedade e provoca o psicólogo a constantemente atualizar-se, aperfeiçoar-se, buscando oferecer um trabalho de qualidade à população. Diante deste cenário o profissional psicólogo, no intuito de ocupar um lugar nesse “mercado” em crescimento, utiliza diversas ferramentas para tornar visível, ou seja, divulgar o seu trabalho. No entanto, por esse “lugar ao sol”, alguns profissionais muitas vezes extrapolam os princípios éticos da profissão de psicólogo, que ao invés de valorizar a psicologia, transmite uma ideia sensacionalista, sem fundamentação técnica e ética, como também banaliza a profissão perante toda sociedade.

Tendo em vista o Princípio Fundamental V, do Código de Ética Profissional do Psicólogo, “O psicólogo contribuirá para promover a universalização do acesso da população às informações, ao conhecimento da ciência psicológica, aos serviços e aos padrões éticos da profissão”, como o psicólogo, poderia ocupar esse lugar tão almejado no mercado de trabalho, contribuindo também para valorização da psicologia e fortalecimento da categoria profissional?

São diversos fatores que contribuem para que essa conquista aconteça, sendo um deles a divulgação/propaganda profissional. Sabemos que há diversos meios de comunicação existentes que possibilitam a divulgação de serviços. Portanto, a escolha do melhor meio de comunicação para a divulgação do serviço psicológico, as informações que estarão contidas nessas divulgações e propagandas, devem ser cuidadosamente analisadas, tendo em vista o Código de Ética Profissional do Psicólogo.

Além dos Princípios Fundamentais do Código de Ética Profissional, o Art.20 e suas respectivas alíneas dispõem sobre a promoção dos serviços psicológicos e determinam que o profissional deverá:

- informar o seu nome completo e seu número de registro. Se, empresa registrada no CRP, deve conter nome da empresa e número do CRP-PJ;
- divulgar somente títulos e qualificações profissionais que possua;
- não utilizar o preço como forma de propaganda;
- não fazer previsão taxativa de resultados e nem divulgações sensacionalistas das atividades profissionais;
- não fazer auto promoção em detrimentos de outro profissional

Tendo isso em vista, seguem alguns exemplos de possibilidades de divulgações e orientações em cada caso:

Cartão de Visita, Folders e Panfletos: Além do previsto e descrito acima, poderá ser informado área de atuação, especialidade, público atendido e contato.

Site de Divulgação e Redes Sociais: o conteúdo do site deve ser de ordem profissional, podendo também servir como fonte de consulta técnica sobre temas da Psicologia. A página em que serão divulgados os serviços de psicologia deverá ser uma página exclusiva e desvinculada da página pessoal do psicólogo. Toda e qualquer postagem realizada nesta página profissional também deverá estar de acordo com o Art. 20 do CEPP.

O credenciamento de sites é necessário somente se for oferecido prestação de serviço mediado pelo computador, conforme Res. CFP nº 011/2012. Para mais informações acesse o link: <http://www.crppr.org.br/revistas/125.pdf> e leia o artigo da Contato sobre serviços online.

Em todos os casos não é permitido utilizar o preço como forma de propaganda, portanto orientamos que não sejam divulgados valores. Alguns profissionais possuem convênios, é possível divulgá-los, porém, sem utilizar esse fator como foco principal da divulgação.

Em caso de dúvidas, solicite orientação da Comissão de Orientação e Fiscalização. Consulte também: <http://www.crppr.org.br/revistas/123.pdf> - link da Revista Contato onde há um artigo sobre Divulgação de Serviços Psicológicos nas Redes Sociais.

PENSO ASSIM

Pequenas maravilhas

Há coisas na vida que não conseguimos explicar. São sensações, fatos e sentimentos que, por mais que tentemos, não são fáceis de decifrar. Ainda assim insistimos, sem saber exatamente por quê.

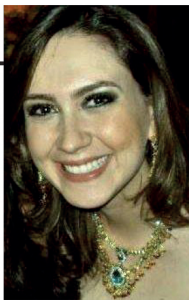
Talvez porque a gente precise de significados. Ou porque temos, desde sempre, essa singela sensação de que, se soubermos explicar tudo que nos acontece, saberemos melhor nosso papel nesse mundo tão confuso.

É assim que nascem as pequenas maravilhas. Esses pequenos fragmentos ou cenas que compõem nossas histórias. Para uns, será um pão com manteiga na chapa; para outros, um passeio no parque ao lado do filho. Seja como for, todos serão episódios simples; quase banais, para alguns.

Há quem viva por aí buscando, incessantemente, luxo no cotidiano desses momentos. Gente que acredita que desse ingrediente seja possível extrair um punhado de felicidade na vida. Doce ilusão. Trata-se de pessoas que vagam ao longo de suas páginas de vida, tentando encontrar significados simples em coisas que possuem um preço determinado. Ou uma etiqueta que lhes atribua um valor. Para elas, a alegria da vida se resume a algo que está ao alcance do limite do seu cartão de

THAIS DE
FERRAND

Escritora, cronista e
contadora de história



crédito. Para onde vão essas pessoas ninguém sabe ao certo. Talvez para algum lugar em que se sintam sós com suas escolhas, na fracassada busca por uma felicidade que está mais próxima do que sequer imaginam.

Mas há também aquelas pessoas que sabem enxergar além das entrelinhas. Gente que sabe colecionar ao longo da vida as tais das verdadeiras pequenas maravilhas. Coisas miúdas que fazem a vida valer mais a pena. Um gole de café com leite. Um abraço apertado. Um sopro de fé. Uma soneca depois do almoço. Uma declaração de amor.

Vivemos uma sucessão de pequenas maravilhas. Pequeninhas instantes que colecionamos por vontade, e não por obrigação, e que nos ajudam a transitar pelos outros tantos momentos que a vida nos oferece em forma de provação ou obrigação.

Dias desses, alguém, inconformado, pediu outro exemplo do que seriam essas pequenas maravilhas em nossas vidas. E, sem pestanejar, a resposta veio: são os instantes em que sentimos um calor no coração tão forte que queremos ser felizes de verdade, mesmo que, para isso, a gente precise de um bocado de paciência e de persistência diante das adversidades que não são nenhuma maravilha.

CARTA DO LEITOR

contato@jornalpsicologiaemfoco.com.br

Dois anos é o tempo que tenho tido contato com o JPF e muito tenho me agradado e enriquecido. Trata-se de um jornal que procura cumprir um papel não apenas informativo, mas também, reflexivo, pois no seu bojo podemos encontrar diversos temas atuais que para o acadêmico e profissional de Psicologia o coloca diante da necessidade de uma constante e ininterrupta busca pela atualização e reciclagem. Pretendo continuar lendo o JPF na expectativa de que continue sendo um instrumento maduro, sério, atual e carregado de interesse em manter o meio acadêmico e os profissionais de Psicologia sempre alerta as constantes e aceleradas transformações sociais onde estamos inseridos.

JESSÉ GUIMARÃES

Teólogo e 2ª anista do Curso de Psicologia do Unicesumar.

Casa e Escritório

Móveis e Acessórios

Luiz Octávio Periotto
(44) 9986-2967
otavio@casaeescritorio.com.br

www.casaeescritorio.com.br

Av. XV de Novembro, 1046
Maringá - Paraná - 87013-230
Fone (44) 3305-1800

PSICANÁLISE EM PAUTA



EDUARDO
CHIERRITO DE
ARRUDA,
estudante do 4º
ano de Psicologia
da UNICESUMAR e
membro do Grupo
Psicologia em foco.

Encontro Marcado – Por que tem cada vez mais gente se deitando no divã?

Alexandre Makhoulf autor do texto promove uma reflexão sobre o aumento da procura de ajuda na psicologia ou na psicanálise, principalmente nos grandes centros, inseridas a tantas responsabilidades e tarefas cotidianas “parece faltar tempo para os assuntos da mente”.

A entrevistada Nilde Parada, presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), explica o porquê tem cada vez mais gente deitando no divã. Ela apresenta a relação com o analista como de “amor e ódio”, destacando que o analista é testemunha da fraqueza, uma ferida no ego, que por sua vez a pessoa necessita de ajuda.

Ao considerar a cultura em que estamos inseridos há a predominância das relações de poder, narcisismo e valorização do ter, todos esses aspectos são geradores de angústia. A sociedade é cada vez mais exigente; ao estimular o narcisismo Nilde destaca que o homem se encontra descentralizado de sua essência.

Quanto à contemporaneidade e as transformações no método analítico, Nilde destaca que os avanços não trouxeram muitas mudanças ao método psicanalítico. A psicanálise não busca resolver os problemas, apenas ajudar os pacientes a melhor forma de lidar com eles. Algumas concessões foram realizadas na prática psicanalítica, relevantemente a frequência de sessões, auxiliando no acesso das pessoas à psicanálise, em vista as grandes cidades e pelo acesso econômico. Com as trocas de experiências entre analistas de todas as partes do mundo viabilizam, não apenas novos métodos, mas também, formas mais adequada quanto ao

tratamento das patologias, viabilizados pelos meios de informação. Outro fator que gerou muita modificação foi o desenvolvimento da psicanálise, ao tratar pessoas diferentes com métodos diferentes, ampliando assim a técnica. “Com o inconsciente a imagem do poder da razão foi quase destituída”.

resultado do fenômeno denominado de interpolação de existências, durante as sessões determinadas defesas são demolidas, aumentando a frequência as defesas podem voltar a atuar no paciente, dessa maneira, várias sessões impedem esse fenômeno.

Em grandes centros como São

estatísticas sobre o número de homens e mulheres que procuram terapia. É fato que o número de mulheres era predominante, no entanto, atualmente os homens estão mais disponíveis para essa aproximação consigo mesmo.

As solicitações em torno do ser humano na sociedade atual é intensa, muitas vezes é comum as pessoas esquecer-se de si mesmas e necessitam dos momentos de reflexão que a análise propicia. “Muitos executivos dizem: “A minha hora de análise é o único momento em que eu paro para estar comigo””.

A dependência com o analista não é necessariamente negativa destaca Nilde, a dependência em certo ponto faz parte de função analítica. A dependência deixa de ser saudável quando esta está vinculada a pessoa e não ao processo. Compara-se ao processo do desenvolvimento humano, no começo da vida a criança é completamente dependente da mãe e da família, ao crescer ela vai buscando autonomia. A análise conduz a pessoa ao autoconhecimento, é saudável a dependência em determinados momentos. A medida que o paciente busca recursos internos, ele vai se desligando do analista, não existe dar alta em um processo de análise, ambos (terapeuta e paciente) percebem quando é possível “cada um seguir seu caminho”.

O fator primordial quando se busca um analista é a empatia, assim caso não exista empatia com o terapeuta o tratamento não será eficaz, o mesmo do lado do terapeuta, caso ele não apresenta empatia com quem o procura. “Nesse caso, ele pode, e deve, delicadamente não aceitar o paciente, conclui Nilde Parada.

Adaptado do texto de Alexandre Makhoulf. Revista PODER, Joyce Pascowitch. Páginas 66-71.



No que se diz respeito ao preconceito com a terapia, Nilde Parada aponta que este foi deslocado para a quantidade de sessões, uma análise de três vezes semanais, por exemplo, recebe comentários como “Nossa, seu caso deve ser grave”. Os pacientes de Freud tinham seis sessões durante a semana,

Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo, a cultura da análise é muito forte, fruto do desenvolvimento da sociedade de psicanálise nessas cidades, centros que tiveram influências de analistas europeus e também mais desenvolvidos, do ponto de vista científico, intelectual e financeiro.

A Sociedade Brasileira não possui

Ensino Infantil no Platão.

Pensando no futuro desde cedo.

44 3220.6868
platao.com.br

COLÉGIO
platao
SOMOS MUITOS, MAS ÚNICOS.

CONEXÕES



RENAN FREITAS
É consultor e diretor de gestão da Target³ Consultoria. Trabalhando com gestão da inovação e estratégia organizacional, desenvolveu uma ferramenta de planejamento estratégico voltado para a gestão de carreira e planos pessoais.

Estamos esquecendo de formar empreendedores

Venho sempre batendo muito forte em uma opinião e que cada dia mais encontro pessoas a favor dela (e mais importante, também com vontade mudar esse cenário): Nós estamos esquecendo de formar empreendedores para formar passadores de vestibular (empreendedores aqui não são futuros empresários, mas sim pessoas com personalidade, aquelas que tem desejo de mudar a sociedade, que sonha grande). Jovens e adolescentes preocupados demais em ser aprovados em uma universidade pública (porque público é bom) e depois de alguns anos conseguir um diploma. Com isso passam horas e horas na frente de apostilas decorando e decorando conteúdo. Isso se torna ainda mais grave quando continua na Universidade, passando mais 4 ou 5 anos decorando e decorando cada vez mais sem serem incentivados a criticar, empreender e ir pra rua.

Quais as consequências disto? Uma aprovação no vestibular. Ótimo não? Caótico, eu diria. Você aprendeu em todo esse período a ser um operador: Leia, aprenda, decore, viva vestibular, respire vestibular, faça provas e então você chega no mercado de trabalho. Quando chega lá o que eles exigem? Trabalho em equipe, iniciativa, responsabilidade, liderança capacidade de se relacionar com os outros, habilidade de persuasão e demais competências. Em contrapartida, vemos no mercado de trabalho pessoas descomprometidas, esperando a sexta feira e reclamando da segunda, que não recolhem um papel no chão e não tem paciência para ensinar o amigo de equipe, não estão dispostas a sacrificar um final de semana para fazer uma capacitação e sequer lê um bom livro ou tem uma opinião formada sobre os fatos. Mas quando essas pessoas tiveram a oportunidade de aprender? Trocou-se os trabalhos em grupo por mais aulas de biologia, as apresentações de seminários por aulas de inglês, as entrevistas e os trabalhos comunitários por intensivos antes da prova e as questões discursivas viraram múltipla escolha.

Não quero dizer que passar no vestibular tem que deixar de ser o foco de um estudante e nem que um diploma não é importante. Mas precisamos nos lembrar de uma formação que ficou esquecida, que é a formação e o desenvolvimento pessoal, aquela que vai lhe fazer uma pessoa melhor. E aqui não estamos nem falando de valores, que presumo que isso nós aprendemos com nossa família.

Quem sai na frente nesse mundo onde a informação é completamente aberta, são aquelas pessoas que possuem mais daquelas competências que o próprio mercado procura. Pois são aquelas pessoas que aproveitaram melhor as oportunidades que estão à disposição de todos.

Estamos formando mal nossas futuras lideranças, empresários... Deixando espaço para outros liderarem as grandes corporações, promoverem as próximas revoluções tecnológicas e serem personalidades de destaque. É preciso incentivar os jovens a assistirem cursos online por conta, participarem de atividades comunitárias, trabalharem, praticar esportes com afinco, se arrisquem e depois que entrarem em uma universidade, participar de empresas juniores, fazer intercâmbio, realizar cursos extracurriculares, projetos sociais entre outras oportunidades. Não podemos somente seguir o Script, é preciso começar desde cedo, formando dentro de casa e expandindo para a escola, para que qualquer atividade, seja profissional ou pessoal, abracem com afinco e sejam pessoas mais comprometidas com a sociedade.

PSICOLOGIA E PSIQUIATRIA



DRA. PATRICIA MARTINS DE OLIVEIRA GARBO
CRM/PR 25601
Graduada em Medicina pela Universidade Estadual de Maringá-UEM
Residência Médica em Psiquiatria pela Universidade Estadual de Maringá-UEM Pós-graduanda em Psiquiatria da Infância e da Adolescência pelo Instituto de Psiquiatria e Psicoterapia da Infância e da Adolescência-IPPIA

Transtornos mentais são mais comuns atualmente?

Antigamente a vida tinha um ritmo obviamente muito mais lento. Você provavelmente já deve ter ouvido seus avós ou bisavós comentando que, para visitar o “compadre” na cidade vizinha, a família inteira subia na charrete e viajava por dias. Todos juntos, com tempo de sobra para conviver e se relacionar.

O estilo de vida pós-moderno, no entanto, é muito diferente, e especialmente veloz. Não apenas os meios de transporte, mas principalmente os de comunicação apresentam uma velocidade admirável. Podemos contar um parente ou um amigo que se encontra do outro lado do mundo em menos de um minuto. Dessa forma, a tecnologia da informação nos permite poupar tempo... Mas, para quê? Tempo para descanso, lazer, simplesmente desfrutar do “dolce far niente”? Não: com o tempo que nos resta aproveitamos para trabalhar mais, estudar mais, correr atrás de nossos objetivos, quaisquer que sejam esses. É assim que somos... Temos que correr... Não temos tempo a perder.

No entanto, essa maneira acelerada e agitada de viver aumenta nossas chances de adoecer. É verdade que, ao contrário do que muita gente pensa, os transtornos mentais não são próprios da pós-modernidade. Eles já existiam entre nós há milênios, antes mesmo da era cristã. Suas causas, assim como ocorre com as doenças orgânicas, são multifatoriais, ou seja, dependem de vários fatores. Tais fatores são básica e resumidamente genéticos, biológicos e ambientais (socioeconômicos, familiares e culturais). Isso quer dizer que, para um indivíduo manifestar um transtorno psíquico, ele precisa antes de tudo ser propenso para tal. Além disso, necessita de um fator estressor, proveniente do meio em que vive e que favoreça o desencadeamento da doença mental.

Nosso tão aplaudido estilo de vida pós-moderno funcionaria então como um “meio de cultura” para tais transtornos crescerem na população. Vivemos em um tempo no qual é praticamente impossível de se evitar o tão conhecido estresse emocional. Traçamos metas difíceis de serem alcançadas sem muito esforço e a “pressão” bate à nossa porta a todo o momento (na escola, no trabalho, no ambiente familiar, etc.). Hoje em dia, não apenas os pais, mas também as mães estão cada vez mais ausentes de casa, contribuindo para a formação de uma sociedade agitada e insegura.

Até pouco tempo atrás, os brasileiros levavam de 5-10 anos para buscar ajuda especializada quando em sofrimento psíquico. Esse intervalo entre o início do quadro e a primeira consulta tem diminuído, mas o médico psiquiatra ainda representa, na maioria das vezes, o “fim de linha” do tratamento (quando o paciente já buscou toda sorte de ajuda antes de consultar o especialista). Os transtornos mentais, no entanto, cronicizam e tornam-se cada vez mais difíceis de serem controlados se não forem abordados e tratados logo no início de sua manifestação.

A verdadeira saúde acontece quando nosso corpo e mente vivem em equilíbrio, e conseguem adaptar-se às adversidades sem perder definitivamente sua integridade funcional. Por isso, devemos aproveitar tudo o que a vida pós-moderna nos oferece de bom, sem, no entanto, ignorarmos o que a história tem a nos ensinar. Afinal, como sempre nos disseram os mais antigos, é melhor prevenir do que remediar!

Neila Paula da Silva
Psicóloga
CRP 08/10172

curta nossa página
www.psicologacotidiana.com.br

Rua Néo Alves Martins, 2999 | Sala 118
Edifício Marquês Trade Center
Maringá | Paraná
87013-070

☎ : |44| 3227.9266
☎ : |44| 9972.6301
neilapaulasilva@hotmail.com

Dr. Cleto Rocha Pombo F^º
médico-psiquiatra-psicoterapeuta
CRM 19276

Av. Tiradentes, 1081
Centro Vascular João Belczak

44 3225-4965

Especialista em Psicoterapia USP-SP

Maringá - PR



ISABELLE MAURUTTO SCHOFFEN
é psicóloga clínica, mestrande em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá, CRP-08/17708, colaboradora e idealizadora da Roda de Psicanálise: teoria, clínica e cultura.



QUEREMOS JUSTIÇA?

Quem nunca foi acometido por um sentimento de injustiça? Este sentimento simultaneamente leva a outros, como ódio, raiva, inveja e ciúme. A relação que antes era de amor, passa a ser de rivalidade. Como é possível haver dentro de nós sentimentos tão distintos e opostos direcionados a uma mesma pessoa? Eles estranhamente existem, nos tomam completamente e intensamente. Mas o que é justo? Será que o que é justo para uma pessoa é necessariamente justo para a outra?

A palavra justiça existe necessariamente em função da lei, do poder judiciário, que resguarda igualmente, por princípio, os direitos e deveres de todos. No entanto, contrariando o significado da palavra “justiça” – que se refere à igualdade, isonomia, a imparcialidade – cada um constrói o seu próprio sentido para palavra justiça, enfim, do que é justo para si.

Estamos diante de dois contextos que aparentam serem “mundos” completamente diferentes: o social e o individual. Para a psicanálise essa dicotomia não existe “a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado” (Freud, 1921/2011, p.10), isto é, não há anterioridade de uma psicologia sobre a outra, o que existe é simultaneidade. Freud justifica tal tese a partir da compreensão de que tanto a mente quanto à sociedade-cultura são formadas ao mesmo tempo. E vai além, ao anunciar que a sociedade foi fundada em um crime, mas não por um crime qualquer, e sim em por um crime coletivo. Enfim, a justiça é fruto de um crime, de um ato violento.

Em Totem e Tabu Freud (1913/2012) constrói seu “mito científico” – como ele mesmo denominou – sobre as origens da cultura. Apoiado na observação das cerimônias de celebração dos povos primitivos e influenciado especialmente pela teoria da horda primeva de Darwin, Freud (1913/2012) narra a “origem” de um estado originário da sociedade que de fato nunca pôde ser observado, mas

que a experiência clínica com neuróticos pode elucidar: o de que os desejos de matar o pai e cometer o incesto ainda persistem (reprimidos) no homem civilizado.

O mito se inicia com a suposição de Darwin de que no início havia lugar apenas para “um pai violento, ciumento, que guarda todas as mulheres para si e expulsa os filhos machos quando crescem; eis o que ali se acha” (Freud, 1913/2012, p. 206). Assim, supõe Freud, uma horda primitiva dominada por um macho tirano que expulsou os filhos machos, para evitar que tivessem relações sexuais com as mulheres. Os irmãos frustrados e subjugados pelo pai retornaram a horda, e por temerem e invejarem o modelo paterno, juntos, mataram e devoraram o pai tirano – fizeram na coletividade o que não poderiam fazer individualmente. Os irmãos, ao celebrarem a morte do pai (festim totêmico), comiam-lhe a carne e assim se identificaram com ele e entre si, adquirindo sua força e seus atributos, que eram invejados admirados, e assim, se tornaram irmãos de sangue. No entanto, ao se livrarem do pai, os impulsos ambivalentes reprimidos, os impulsos amorosos, podiam vir à tona e retornar em forma de remorso, de um sentimento de culpa que coincidia com o remorso sentido por todo o grupo. Depois do ato, os irmãos se deram conta de que cada um deles, em seu íntimo, em segredo, desejava o lugar do pai, ser o único a ter seus privilégios e poderes, e compreenderam que, se continuassem a realizar esse desejo, acabariam se exterminando. Por amor ao pai renunciaram o lugar dele, e pela manutenção da nova organização social, renunciaram à satisfação incestuosa, instaurando assim a exogamia e instituiu-se o clã fraterno fundado em laços de sangue. Para Freud, portanto, a consciência moral humana teve início nestes dois principais tabus, o parricídio e o incesto, que confere o núcleo da organização social.

O complexo de Édipo ou complexo parental é a representação do pacto do filho com o pai da horda primeva, portanto, busca explicar a aceitação de uma lei comum a

todos os homens, que regula a postergação e substituição da realização dos desejos primitivos de matar o pai e desejar a mãe (incesto), constituindo então o núcleo das neuroses. Nas neuroses o filho por amor e temor ao pai, renuncia ao amor da mãe, concordando em substituir seu primeiro objeto de amor por outro permitido, desta forma aceitando a lei, a cultura. No entanto, nos neuróticos, diferentemente dos povos primitivos, seus desejos tem origem apenas na realidade psíquica, e não da realidade concreta, os neuróticos matam o pai apenas em pensamento. Freud parafraseia Goethe, “no princípio foi o ato” no sentido de que o homem civilizado se construiu historicamente enquanto consequência de um ato e suas marcas, enfim, surgiu de um crime, o assassinato do pai primevo, e que foi de um crime coletivo, uma transgressão coletiva que se fundou a civilização em torno de um pai morto ainda mais poderoso que vivo e que enquanto um ideal, um símbolo, um mito, representando a própria lei.

O que temos então como base da sociedade-cultura é a ambivalência de sentimentos (amor e ódio) em cada indivíduo. Esses sentimentos, conforme Freud nos ensinou são inconscientes, portanto, indestrutíveis e não se trata de um momento histórico superado, eles estão conservados em nossa constituição psíquica e não cessam até encontrar satisfação. Portanto, carregamos dentro de nós – cada um em seu íntimo – a disposição para a violência, e como tentativa de barrar esses desejos instituímos a lei que regula as satisfações parciais possíveis, esta renúncia é que possibilitou a constituição do tecido social. Podemos então dizer que “a estrutura social é fruto, é resultado de um ataque levado a cabo por indivíduos sexualmente excitados” (Monzani, 2011, p. 245). Conclui Monzani que “não se trata da consciência moral levar à renúncia pulsional, mas, o contrário: a renúncia pulsional é que cria a consciência moral” (p. 243).

A justiça, portanto, foi instituída pela coletividade (irmãos) depois do crime cometido e do arrependimento que assegurou o lugar do pai – o lugar do privilégio, da exceção, do poder – por meio da lei. Assim, ninguém mais pode tomar o lugar do pai, e todos são igualmente proibidos de tais privilégios. Aqui se observa um entendimento equivocado da palavra justiça, o que é justo não é o indivíduo ter o que deseja – por exemplo, o amor dos pais, ou do parceiro só para si – justiça é assegurar que ninguém tenha mais amor do que o outro, que o amor seja igual, sem privilégios. Quando lutamos pela justiça, estamos lutando para assegurar que ninguém realize o seu desejo íntimo de onipotência, de exclusividade.

A fraternidade, portanto, está ligada mais aos sentimentos egoísticos – que os indivíduos compartilham entre si – do que o sentimento de amor. O amor está ligado à renúncia dessas pulsões egoísticas. O amor fraterno é mantido nos laços entre os homens na medida em que asseguramos que a exceção não seja aplicada a ninguém, caso isso ocorra, o que teremos é a nossa agressividade exposta, a violência que nos é intrínseca e que um dia foi reprimida retornará em ato de atrocidades e violência.



Roda de Psicanálise
teoria, clínica e cultura

Aline Sanches
(CRP-08/19679) - 9834-4281

Isabelle Maurutto Schoffen
(CRP-08/17708) - 9118-6069

Samara Megume Rodrigues
(CRP-08/18324) - 9938-3542

<http://www.rodapsicanalise.com.br/>

NEO ALVES MARTINS, 2999 - EDIFÍCIO MARQUEZINI TRADE CENTER ANDAR:13 SALA134



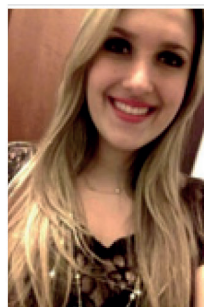
clínica
VIVER BEM
Saúde Integrada de Maringá

Giovanna Maria Bertoni
Psicóloga
CRP 08/19036

Rua Joaquim Nabuco, 452
Maringá - Paraná

+55 (44) 3024-0514 / 3031-0513

Odontologia Fisioterapia Pilates Nutrição Psicologia Estética



JÉSSICA DEMITI
é Psicóloga CRP/08-
19776 e membro do
JPF.

O que é gestalt-terapia?

Gestalt-terapia é uma das muitas maneiras de se fazer psicoterapia. Foi concebida por Fritz Perls na década de 50 e busca mais que explicações racionais e lógicas para o que acontece ao homem, quando se encontra em desequilíbrio psicológico.

A Gestalt-terapia é uma forma criativa, científica, poética e artística de se fazer psicoterapia. É uma caminhada com a mente, mas principalmente, com o coração.

O objetivo da terapia gestaltica é habilitar a pessoa a usar, além da cognição, suas sensações, emoções e sentimentos, integrando todo o potencial que a natureza lhe disponibilizou para fazer frente à sua realidade.

Gestalt, mais que uma psicoterapia, se apresenta também como uma filosofia existencial, humanista, uma “arte de viver”. Busca sair do determinismo alienante do passado e do meio.

Culturalmente, somos muito mais estimulados a pensar que a sentir, e disso resulta um processo que Fritz Perls chamou de “dessensibilização”. A não educação emocional nos desabilita para a vida. O analfabetismo emocional gera pessoas que, mesmo tendo suas necessidades básicas supridas, não conseguem sentirem-se plenas, não se reconhecem nas escolhas que fazem, não lutam pelo que acreditam, responsabilizam outros por sua infelicidade e não têm em si mesmas auto apoio.

Quando isso acontece, o indivíduo está funcionando de uma forma neurótica, está em desequilíbrio. Para a Gestalt, o homem é um organismo que busca equilibrar-se por meio de trocas que efetua com seu meio, de acordo com suas necessidades mais emergentes. As sensações, emoções e sentimentos são os radares mais eficientes para detectar a urgência dessas necessidades. São também a força motora mais importante para nosso comportamento.

As emoções, se claramente identificadas, nos permitem satisfazer nossas necessidades e nos levar ao equilíbrio. Levam-nos em direção ao que queremos e nos ajudam a evitar o que nos faz mal. Emoções não reconhecidas, não expressadas, resultam em ansiedade, angústia e até mesmo em algumas doenças psicossomáticas.

A Gestalt-terapia busca resgatar as emoções que foram sendo desautorizadas ao longo da nossa existência. Podendo chorar, você pode perder; podendo ter raiva, você pode estabelecer limites; podendo ter medo, você pode se proteger; podendo se alegrar, você pode dançar e celebrar a vida.

Emoções precisam ser expressas, mesmo quando sua aparição não cabe na nossa autoimagem já estruturada e, mesmo quando não obedece a lógica racional que conhecemos.



VALESCA
PASSAFARO é
Psicóloga Clínica
(CRP 08/16470),
Especialista em
Psicanálise e Trânsito. Além de atuar
como palestrante
em empresas com
base na psicologia
organizacional.

Vigorexia: implicações da posição narcísica

Dentro do contexto social atual podemos entender a sociedade pós-moderna como sendo aquela que busca acima de tudo aquilo que enalteça a si mesmos, uma sociedade voltada para si, cultivam e enaltecem o belo, a moda e o padrão corporal. As pessoas devem ter o mesmo padrão, peso e estrutura.

É esta cultura narcisista que vai de encontro as necessidades do indivíduo que adocece, assim, aliada à pré-disposição de cada indivíduo culmina na doença, ou seja, neste caso na psicopatologia conhecida como Vigorexia. A síndrome de Adônix, mais conhecida como Vigorexia é uma psicopatologia, e, consiste na transformação do corpo em palco das representações mentais, de tal forma que o sofrimento psíquico se torne uma obsessão pelo corpo perfeito.

A vigorexia pode ser considerada uma psicopatologia da pós-modernidade cujos padrões sociais e culturais vigentes induzem, poderosamente, o sujeito que adocece na busca da perfeição. O portador da doença vê-se fraco, embora seu corpo seja extremamente forte. Ao olhar-se no espelho a imagem refletida não condiz com a realidade, o sujeito distorce o que vê e se vê faltoso de algo, o que transmite a ideia de que o sujeito enxerga apenas a falta de poder, a fragilidade da sua mente.

Geralmente o que se pode observar em pessoas com Vigorexia, que estas são mais vaidosas, obsessivas e muito rigorosas consigo mesmas e com a questão do corpo do que pessoas que também buscam um padrão corporal e estético que vise o belo. Os sintomas que indicam a doença são depressão e vontade de ficar sozinha, retiradas, estão sempre olhando no espelho com insatisfação e podem passar horas praticando exercícios

xiste um limite entre a vaidade normal e o início da psicopatologia, o natural é que a uma pessoa faça exercícios com o objetivo de se cuidar, desde que isso não lhe traga insatisfação. A pessoa deve ter o prazer de cuidar da saúde, mas se em algum momento for convidada para um jantar ou algum outro programa, não terá nenhum problema em sair da dieta. No entanto o vigoréxico, nunca sai da dieta, não bebe e nem sai a noite com os amigos. Prefere descansar e estar preparado para as atividades que se seguirão.

Assim, na Vigorexia o que se percebe é um padrão de relacionamento empobrecido com os cuidadores, principalmente com o materno, levando o sujeito à adoecer. O olhar que este vigoréxico tem para si frente ao espelho é na verdade o não olhar. Para obter este olhar perdido o vigoréxico buscará através do mandatório padrão de beleza a totalidade que nunca teve. A força, o belo e o poder refletido no espelho não são suficientes para transpor sua mente frágil.



Madeira
— GRILL —

Telefone 3029-8737 | Endereço Av. São Paulo, 1700 |
www.madeiragrill.com.br

Psicologia Clínica
Veruska Betioli de Carvalho
CRP 08/07009-1

Av. Amazonas, 118 | Mandaguari - PR | Fone: (44) 3233-3176

A continuidade da vida enquanto Aprendizagem Social: uma visão Behaviorista Radical da vida após a morte



RENAN MIGUEL
ALBANEZI,
acadêmico do 5º
ano de Psicologia
(UniCesumar), pós-
graduando em Análise
do Comportamento
(NECPAR) e colunista
do site Comporte-se:
Psicologia Científica.

A genialidade de B. F. Skinner (1953, 1971, 1974, 1981), e muitos outros analistas do comportamento (Catania, 1999; Baum, 2006; Hübner & Moreira, 2012), ao dizer que um organismo só pode ser compreendido fidedignamente se os três níveis de seleção do comportamento forem contemplados em suas devidas complexidades transcende o pequeno mundo que a Psicologia parece estar preocupada em estudar.

Entender o que queremos dizer quando falamos de seleção natural, seleção ontogenética e seleção cultural ao abordarmos o comportamento humano (e também infra-humano) é imprescindível para que um entendimento mais completo daquilo que denominamos “vida” seja alcançado. Falar de seleção natural sem atentarmos para variáveis filogenéticas que determinam o comportamento é impossível.

A seleção natural é evidenciada nos estudos darwinianos, o que nos faz enxergar que está além do escopo da Psicologia em si, partindo para a compreensão que as Ciências Biológicas têm de organismos vivos. Se você tem um sobressalto quando a alteração numa propriedade do meio produz um barulho muito alto é porque essa relação reflexa foi selecionada pelo simples fato de que aqueles que se sobressaltavam diante de barulhos altos tiveram mais chances de sobreviver e procriar em um tempo remoto. Até o nosso próprio olho só tem o formato anatômico que conhecemos atualmente porque foi útil para a sobrevivência de uma espécie (Catania, 1999; Baum, 2006; Moreira & Medeiros, 2007).

Por ontogênese, compreende-se todo um histórico de reforçamento e punição que é vivido por cada um de nós, em nossa singularidade e unicidade. Cada classe de comportamento que compõe nosso repertório comportamental tem uma razão de existir, analogamente à seleção natural, porque foi (e pode ainda ser) importante para nossa sobrevivência enquanto indivíduos. Até mesmo comportamentos que pareçam disfuncionais podem ter sido funcionais porque foram por meio deles que conseguimos sobreviver no ambiente em que vivíamos, independentemente de concepções “psicopatologizantes” de diversas classes de resposta (aqui, particularmente, estaríamos lidando com o que a Psicologia se propõe a estudar: um sujeito em relação com suas próprias

vivências e com o ambiente em que está inserido).

A Cultura também seleciona classes de comportamento importantes para a sobrevivência, não só da espécie e de um único organismo, como a ontogênese, mas de diversos indivíduos. Se aqui no Brasil o comportamento de homens vestirem kilts (saías masculinas) não é valorizado pelas grandes massas é porque tal comportamento não obtém reforçadores suficientes para que ele se mantenha como uma prática cultural, diferentemente do que vemos nos países baixos, principalmente a Escócia. No entanto, quando falamos de seleção cultural, não abordamos somente comportamentos tão generalizados como esse, mas qualquer comportamento que é aprendido socialmente. Quando o comportamento de um organismo é aprendido por outros e passado de geração em geração já estamos falando de aprendizagem social, mesmo que esteja limitada a um grupo relativamente pequeno, como uma família, por exemplo.

Ao chegar à aprendizagem social, podemos falar do principal objetivo desse texto: a continuidade da vida numa visão behaviorista radical. Um dos conceitos que deixam as pessoas mais deslumbradas e esperançosas com relação à própria vida é ter a “certeza” de que ela continua, mesmo após a morte. É claro que, sob controle das ciências naturais, tal proposição é simplesmente descabida, entretanto, falar da continuidade de uma vida enquanto a continuidade da reprodução de comportamentos “ensinados” por um determinado organismo a seus pares é algo que a Análise do Comportamento se propõe a discutir:

“Qualquer que seja o comportamento que um organismo adquira ao longo de sua vida, ele é eventualmente perdido, se não for passado para outros organismos. Desde que a aprendizagem social tornou-se possível, um comportamento que tenha sido aprendido pode sobreviver à morte do organismo que o aprendeu. Assim, o comportamento sobrevive no que os outros fazem, talvez não apenas no comportamento dos descendentes, mas mesmo no comportamento de outros não geneticamente selecionados” (Catania, 1999, p. 235).



Dessa maneira, podemos ter o conforto de pensar que alguém só realmente morre se ele é completamente esquecido, se não mais influencia qualquer comportamento tanto aberto como encoberto (particularmente no que tange organismos humanos) em seus pares, sejam eles geneticamente relacionados ou não.

Aprender com outros e sobre outros pode fazer com que eles se mantenham vivos, metaforicamente, nos comportamentos daqueles que se seguem a eles. A vida de alguém jamais é em vão se esse organismo exercer certa influência sobre o grupo em que está inserido, seja humano ou não-humano.

Talvez, uma vivência com número reduzido de estereótipos, estigmas e preconceitos faça com que valores e princípios realmente humanos em relação a outrem sejam reforçados positivamente pela sociedade que manterá esses valores e preceitos vivos ao longo de anos, sendo permeada por relações humanas em que o respeito entre pares prevaleça de maneira exímia.

Referências

- Baum, W. M. (2006) Compreender o Behaviorismo: Comportamento, cultura e evolução. 2 ed. Porto Alegre: Artmed.
Catania, A. C. (1999) Aprendizagem: Comportamento, Linguagem e Cognição. Porto Alegre: Artmed.
Hübner, M. M. C.; Moreira, M. B. (2012) Temas Clássicos da Psicologia sob a ótica da Análise do Comportamento. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
Moreira, M. B.; Medeiros, C. A. (2007) Princípios Básicos de Análise do Comportamento. Porto Alegre: Artmed.
Skinner, B. F. (1953) Science and Human Behavior. New York: Free Press.
Skinner, B. F. (1971) Beyond Freedom and Dignity. Cambridge: Hackett Publishing Company.
Skinner, B. F. (1974) About Behaviorism. New York: Vintage Books.
Skinner, B. F. (1981) Selection by Consequences. Science, v. 213, n. 4507, pp. 501-504.

Charlanne Kelly Piovezan - CRP 08/08218
(44) 88411725

Michel Montelares - CRP 08/08578
(44) 9104-1515

Aline Feza - Psicopedagoga
(44) 9964-8282

- Psicoterapia (crianças e adultos)
- Avaliação psicológica e neuropsicológica
- Orientação profissional
- Perícia técnica
- Assessoria psicopedagógica
- Tratamento para fobias

CePCC

Centro de Psicologia
Comportamental
Cognitivo

PSICOLOGIA DO COTIDIANO

“Eu apenas cumpro ordens”

- Oi. Tudo bem?
- Tudo e você?
- Também. E o marido, os filhos como estão?
- Estão ótimos. Crianças de férias. Viajamos para a praia. E os seus filhos e marido? Como estão?
- Tudo bem. De férias também.
- Precisamos marcar alguma coisa...
- É verdade! Vamos marcar sim!
- Deixa eu ir.
- Beleza.
- Foi bom encontrar você.
- Igualmente.
- E vamos marcar algo, hein?
- Sim. Pode deixar. Eu te ligo.
- Tchau.
- Tchau.

Quem nunca passou por um diálogo semelhante a esse?

Diálogos clichês. Conversas que não saem do lugar e se repetem com uma certa frequência.

Os clichês estão por todo lado.

No trabalho, nos relacionamentos, no call center (quando ligamos na tentativa de solucionar algum problema), nos comentários de Facebook, etc.

Se consultarmos o dicionário, veremos que um dos sentidos da palavra clichê é a banalização. Esta seria resultado daquilo que se repete constantemente e se torna comum, trivial.

O clichê atrai, pois está “pronto para o consumo”. Imagine a seguinte cena: você entra numa grande loja que disponibiliza clichês para diversas situações. Deseja um clichê para dar uma opinião sobre as cotas raciais? Vá até a sessão de “clichês sobre política”. Quer comprar um clichê para saber o que dizer quando aquele seu amigo é deixado pela namorada? Dirija-se a sessão de “clichês de aconselhamento.” Nesse departamento específico você vai encontrar clichês, como: “isso vai passar”, “logo você arruma outra” ou ainda “a fila anda”.

E assim por diante.

De certa forma, todos nós usamos expressões prontas quando não queremos nos aprofundar num relacionamento, num vínculo profissional, num contato de elevador e em situações que demandam apenas um:

- Bom dia. Tudo bem?
- Tudo bem. E você?
- Tudo bem.

O problema começa quando os clichês saem da função “conversa de elevador” e passam a servir de esconderijo para os que desistiram de pensar.

Assistir ao filme “Hannah Arendt”, 2012, de Margarethe Von Trotta nos leva a refletir sobre essas questões. Ele retrata parte da história de Hannah Arendt, importante filósofa do século XX. Mais

LÍVIA BATISTA PEREIRA LARRANHAGA
é psicóloga
CRP 08/13426



precisamente, ele conta uma parte da história da filósofa quando ela acompanhou o julgamento do nazista Eichmann.

Para Hannah Arendt, o mal nasce da abdicação da capacidade de pensar. Isso significa dizer que o pior mal, para Arendt, é aquele executado por sujeitos que deixaram de pensar. Foi esse mal que permitiu a disseminação de regimes totalitários como o nazismo. Para ela, o que permitiu que Eichmann, um importante líder do nazismo, levasse pessoas para serem exterminadas no campo de concentração não foi uma monstruosidade, mas sua renúncia ao pensamento. Para mim, uma das cenas mais marcantes do filme se dá no momento em que Eichmann está sendo acusado e para se defender, ele lança mão de um clichê muito conhecido e diz: “eu apenas cumpria ordens.”

Ele apenas obedecia a um sistema.

Muitas vezes, cumprimos ordens e obedecemos ao padrão estabelecido sem nos perguntarmos o motivo pelo qual fazemos isso.

O nazismo de Hitler já não existe mais, mas há outras ditaduras que nos cercam, são silenciosas e minam a nossa capacidade de pensar. A ditadura da beleza, da moda e do mundo corporativo são algumas delas. Quase consigo ouvir “eu apenas cumpro ordens” da boca de “superiores” que oprimem seus “encarregados” numa grande empresa.

Voltando a questão do mal tratada por Arendt. Penso que um mundo repleto de clichês, é um mundo que dificulta a capacidade de pensar, é um mundo que abre brechas para a banalização do mal. Recentemente, li a triste notícia de um grupo de jovens que mataram um morador de rua, pois estavam entediados, sem ter o que fazer. É o mal banalizado. Assim como Eichman, esses jovens foram vítimas e autores da banalização. Eichmann banalizou quando negou que cometia assassinato em massa, mas sim que cumpria ordens. Já os jovens, banalizaram ao dizer que mataram por motivo nenhum, apenas para sair da rotina.

Arendt chocou a sociedade quando desenvolveu seu pensamento sobre a banalização do mal, pois afirmou que, em grande parte, o nazismo só foi possível por causa da colaboração de pessoas comuns que deixaram de pensar e não pelas mãos de monstros.

Enfim, Arendt chocou por mostrar que um grande crime contra a humanidade foi possível graças a pessoas como eu e você que não eram monstros, mas que renunciaram à capacidade de pensar e aderiram ao clichê tão proferido por aquele funcionário de uma grande empresa que diante da necessidade de solucionar o problema de um cliente, vai à sessão de “clichês para os que desistiram de pensar” e diz: “eu apenas cumpro ordens.”

FOCO ANALÍTICO

Porque psicologia analítica?

De acordo com Jung (1875 - 1961), a psicoterapia é um campo da terapêutica que se desenvolveu recentemente. No início de suas pesquisas, a terapêutica ainda era um campo restrito da medicina. A psicologia em sua época estava se constituindo, atingiu diversos métodos psicoterapêuticos que se baseiam em pressupostos já definidos para produzir resultados específicos, dificilmente comparados entre si. A proposta da psicoterapia analítica, assim, se configura como sua contribuição para a autonomia desse novo campo de tratamento.

No entanto, Jung não propôs uma receita para a infinitude de analisandos que se dedicaram à sua terapia, como também, não nos deixou um método. Se fez uso de algum método foi de não empregar método predefinido algum. Quando empregado, suas intensidades variavam de acordo com as condições dos casos em suas singularidades.

Jung reconhece a função decisiva que desempenha a sexualidade e a busca de poder no ser humano. Enquanto para Freud o princípio esclarecedor é, principalmente, o do prazer e para Adler a vontade de poder, Jung vê ao lado desses ainda outros princípios, igualmente essenciais. Rejeita decididamente a predominância de um único fator propulsor em todos os distúrbios psíquicos.

Ao lado desses dois, há para ele ainda outros fatores propulsores muito importantes, e, acima de tudo, atribuídos apenas ao ser humano: a necessidade espiritual e religiosa inata à psique. Essa concepção psicoterapêutica de Jung é decisiva e a diferencia de todas as outras.

Entretanto, não desconsidera as contribuições de outras teorias, no dizer dele analisando os fatos reais que observa, cada um desses métodos tem sua razão de ser. Não só pelo êxito obtido em certos casos, mas por também mostrarem realidades psicológicas que comprovam seus pressupostos. “Essa mudança de ponto de vista, não declara incorretos ou ultrapassados os métodos anteriormente existentes. Quanto mais o conhecimento penetra na essência do psiquismo, maior se torna a convicção da multiplicidade e variedades do ser humano, que também requerem uma variedade de pontos de vista e métodos, para que a diversidade das disposições psíquicas seja satisfeita” (JUNG, 1988).

De acordo com a obra de Jung “A Prática da Psicoterapia” de 1935, na relação analista-analisando, há dois sistemas psíquicos que se inter-relacionam. Na medida em que a individualidade é um fato que não pode ser simplesmente ignorado, toda visão mais profunda de psicoterapia levará à conclusão de que o relacionamento entre analista-

analisando deve ser um processo dialético.

No procedimento dialético, o terapeuta tem que sair de seu estado anônimo para prestar contas de si mesmo, do mesmo modo o analisando. Em suas palavras, “aquilo que não está claro para nós, porque não queremos reconhecer em nós mesmos, nos leva a impedir que se torne consciente no paciente, naturalmente em detrimento do mesmo. A exigência de análise para o próprio analista tem em vista a idéia do método dialético” (JUNG, 1988).

Se o terapeuta esta disposto a fazer o tratamento psíquico em um indivíduo, deve-se renunciar à sua superioridade no saber, e toda e qualquer autoridade e vontade de influenciar. No caso da psicologia analítica, a opção é por um procedimento dialético. Mas isto só se torna possível se é deixado ao outro a oportunidade de expor seu conteúdo o mais completamente possível, sem limitá-lo pelos pressupostos do terapeuta. Seguindo de tal modo, o sistema psíquico do analisando se relaciona com o do analista e produz um efeito dentro do sistema do próprio analista. Este efeito é a única coisa que se pode oferecer ao paciente individual legitimamente. Daí a qualidade analítica da psicologia junguiana, pois se pauta na relação dialética entre analista e analisando.

O procedimento dialético não se trata de uma evolução de teorias e práticas anteriores, mas de uma renúncia total a elas, em favor de uma atitude o menos preconcebida possível. O terapeuta não é só um sujeito ativo, mas ele vivencia junto um processo evolutivo individual. O analista, portanto, deve se analisar profundamente, como condição sine qua non do exercício profissional da psicoterapia. Isso porque “todo guia de almas só poderá levar seus orientandos até o ponto em que ele próprio chegou” (JACOB, 2013, p.113). A habilidade do terapeuta não é, assim, em aplicar um método.

Devemos considerar os pontos de vista de Jung como sugestões e tentativas de formulação de uma nova psicologia, própria das ciências naturais, fundamentada em primeira linha na experiência imediata com o ser humano. Compreendendo suas pesquisas não como sistema doutrinário, pois com facilidade esse tipo de exposição toma certo estilo dogmático.

Jung zela em produzir um estado psíquico em que o analisando comece a fazer experiências com seu ser, um ser em que nada mais é definitivo nem irremediavelmente petrificado. É produzir um estado de fluidez, de transformação, de vir a ser e individuação.

DANIELA TOLEDO

Acadêmica do 5º ano de Psicologia na Unicesumar.



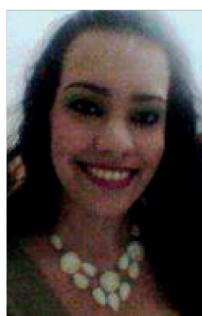
Rolfing
Brasil
integração estrutural

Rolfing é um sistema de reestruturação corporal e educação do movimento no qual o profissional manipula o tecido conjuntivo que envolve e conecta nossos músculos e ossos (chamado fáscia), liberando as tensões existentes em segmentos corporais como pés, pernas, quadris, tórax, pescoço e cabeça, realinhando-os à gravidade.

Com Rolfing o corpo ganha equilíbrio e não precisa gastar tanta energia para realizar movimentos básicos como manter-se em pé ou caminhar.

A sensação de totalidade adquirida com o Rolfing também contribui para a evolução pessoal, na medida em que estimula o autoconhecimento.

José Henrique Bronze Dias
Rolfista Estrutural e Movimento
rolfingmaringa@gmail.com
Maringá (44) 3031-2280 / 9973-3905
Londrina (43) 9617-6600



LETÍCIA COLEONI
MARQUES
Acadêmica do 5o
ano de Psicologia da
UniCesumar

Gestalt-Terapia: uma revisão de seus pressupostos teóricos e filosóficos

A Gestalt-terapia é uma abordagem psicológica que teve influência de várias correntes filosóficas. As mais importantes dessas correntes são o humanismo, o existencialismo e a fenomenologia. Para Ribeiro (1985), o homem, enxergado nesta tríplice visão, se torna inteligível e os modos de abordá-lo se tornam mais eficazes. Segundo o autor, no humanismo, o homem é o centro do mundo e da existência.

Os humanistas, como o nome indica, são mais empiristas e menos espirituais; são geralmente associados a cientistas e acadêmicos, embora a filosofia não se limite a esses grupos. Têm preocupação com a ética e afirmam a dignidade do ser humano. Heidegger (apud Ribeiro, 1985), afirma que o homem é o centro das coisas porque só o homem existe, as coisas são, pois só ele tem maneiras características de se fazer e de se realizar.

Oliveira, em seu artigo, também afirma que o humanismo considera o homem como centro de todas as coisas. Acrescenta ainda que ele exalta as potencialidades do homem, valoriza o homem como um ser em busca de si mesmo e de seu desenvolvimento e que, para o humanismo, o valor do homem é infindável. Ou seja, a filosofia humanista preocupa-se com a valorização do ser humano, lida com o que de positivo tem a pessoa, com seu potencial de vida. (RIBEIRO, 1985).

O existencialismo, por sua vez, tem como representante principal Kierkegaard, cujo pensamento surgiu da luta de consciência perante sua condição de existir. A filosofia resumia-se na tomada de consciência das exigências absolutas feitas a qualquer pessoa que quisesse viver uma existência verdadeiramente autêntica. O humanismo tem como mote principal a existência humana (Monteiro). Ribeiro (1985) afirma em seu livro que essa existência é uma grande interrogação e que ela vai além da relação entre ato humano e intenção, pois para o existencialismo, todo ato psíquico é intenção.

Essa intencionalidade é própria da consciência, pois ela não é um depósito morto de objetos e imagens. A consciência é ativa, viva e livre, cabendo a ela dar sentido às coisas. Husserl (apud Ribeiro,

1985) já dizia que toda consciência é consciência de alguma coisa. Essa intencionalidade da consciência implica num passar a ação após uma conscientização e isso requer vontade e liberdade.

Outra corrente filosófica de influência na Gestalt é a Fenomenologia. Segundo Martins (2000), esta gera-se de duas expressões gregas: phainomenon e logos. Phainomenon (fenômeno) significa aquilo que se mostra por si mesmo, o manifesto. Logos, é tomado como discurso esclarecedor a respeito daquilo que se mostra por si mesmo. Para tanto, se faz necessário “ir à coisa mesma”. Para que se possa chegar a isso, Husserl propõe que o indivíduo suspenda todo juízo sobre os objetos que o cercam. Tal atitude, denominada redução fenomenológica ou “epoqué”, leva-nos a um tipo particular de conhecimento, em oposição ao conhecimento objetivo, o categorial.

Como dito anteriormente, a Gestalt terapia sofreu influências das correntes filosóficas do humanismo, existencialismo e fenomenologia. Suas contribuições estão presentes nos conceitos gerais da Gestalt como os de Homeostase, doutrina holística, as partes e o todo, o aqui e agora, dentre tantos.

Na Gestalt terapia, o homem é visto como um ser que pode se auto gerir, de se auto realizar, assim como no humanismo. Tal conceito de Rogers recebe a denominação de auto-regulação orgânica. Esta força direciona o indivíduo o tempo inteiro em direção à maturidade e à independência (MONTEIRO). O tempo todo o ser humano busca essa direção, juntamente com um equilíbrio que o mantenha em harmonia com o seu ambiente. Esse processo é chamado de homeostase.

Para a Gestalt, enquanto as necessidades de um indivíduo são muitas e não realizadas, elas perturbam o equilíbrio deste e o processo de homeostase perdura. Quando realizadas nossas necessidades, a homeostase se estabelece. (PERLS, 1981). O conceito de homeostase está bastante relacionado ao de figura e fundo. Este é um processo dinâmico. Na subjetividade da percepção, para o indivíduo, a figura sugere algo que está em evidência na hierarquia de necessidades, ou seja,



é a necessidade dominante do sujeito. Quando satisfeita, se torna fundo, para posteriormente surgir uma nova figura (PERLS, 1981).

A Gestalt concebe também um homem como um organismo unificado, não admitindo a divisão entre mente e corpo. Reconhece que os pensamentos e ações são feitas da mesma matéria, sendo as ações físicas inter-relacionadas às ações mentais. É o conceito de doutrina holística. (PERLS, 1981). A fenomenologia relaciona-se com esta visão holística, considerando a pessoa “numa totalidade, em que mente, corpo e espírito formam o ser total. Tais “partes” são capazes de afetar o todo, assim como o “todo” afeta as partes”. (MONTEIRO).

Outra contribuição da fenomenologia é o conceito de aqui e agora da Gestalt. Ele significa o momento presente. O presente é a única possibilidade, a única realidade possível. O comportamento é uma função do campo e não depende do passado. (PERLS, 1981). Para Monteiro o aqui e agora se refere à fenomenologia, pois “todas as emoções e sentimentos do cliente, embora vivenciados no passado, podem ser recuperados e (re) experienciados, sendo este um dos objetivos da psicoterapia: ajudar o cliente a tomar consciência e resolver o fenômeno em questão que está trazendo impacto em sua vida”.

Essas contribuições, dentre tantas outras, influenciaram na visão de homem atual da abordagem Gestáltica e visam principalmente ajudar no processo da terapia.

Ψ Ariana Krause
psicóloga - CRP 08/17743

📍 Especialista Clínica de Orientação Psicanalítica
📍 Aspen Park Trade Center - 16º andar - sala 1624
📍 Av. São Paulo, 1061 - 87013-040 - Maringá - PR
✉ contato@arianakrause.com.br
🌐 www.arianakrause.com.br
☎ (44) 9835-6109 (claro)

Parceiros
deste jornal
ganham...

FALE COM LONDRINA
info@webee.com.br
43 3323-1371
43 3024-1371

50%
de desconto
webee
e-marketing

... para
desenvolver
o site de sua
empresa

www.webee.com.br
ATENDIMENTO MARINGÁ
oliver@webee.com.br
44 3233-4124
44 9874-5577

ENTREVISTA



Jornal Psicologia em Foco entrevistou a psicóloga Dra. Angela Maria Pires Caniato

JPF - A respeito de sua trajetória na Psicologia como se deu a sua formação?

Minha vida profissional teve início com o término da graduação em 1968 na PUCRJ, cursada em plena Ditadura Civil Militar de 1964. A minha formação teórica durante toda a graduação foi baseada na Psicanálise, sendo que apenas duas disciplinas não foram embasadas na Psicanálise: psicologia da aprendizagem e psicologia do trabalho. Estudamos muito Melanie Klein e pude me certificar que a obra dela é muito importante por ter valorizado a construção teórico-metodológica da subjetividade na transferência e na análise da relação eu e o outro. A valoração da subjetividade como construída na interseção sujeito-objeto se explicita na sua compreensão do sentimento de culpa como aquele investimento destrutivo que eu faço em alguém que é muito importante em minha vida e que passa a exigir de mim uma resposta reparatória. Assim ela trabalha a dialética vida e morte, amor e ódio, a consciência da culpa por que eu passo a ter por agredir a alguém a quem amo e a exigência que surge em mim de reparar o dano que fiz a esse alguém. No sentimento de reparação eu me valho do meu amor para reparar o estrago que fiz naquela pessoa.

Dessa maneira eu trago desde o início da minha formação a questão de considerar o outro na relação psíquica, na construção das identidades subjetivas. Até hoje muitos psicólogos que se utilizam da Psicanálise – contrariando a teorização do próprio Freud, em especial na Segunda Tópica, ignoram a presença do outro na construção das individualidades. Entendem o psiquismo de forma intimista, como se inexistisse o outro indivíduo nas nossas vidas, distanciando-se, portanto, da Psicanálise proposta por Freud que diz que “toda psicologia é social” e que afirma, categoricamente, que o ser humano precisa de amparo do outro e que o desamparo da cultura é por si só violência que, internalizada, gera destrutividade e muito sofrimento psíquico. A leitura da Psicanálise que não considera essa vinculação com o outro, traz sérias implicações éticas e prejuízos na análise indivíduo-cultura (culpabilização e patologização do indivíduo, etc) e se constitui no que Jurandir Freire Costa chama de visão de avestruz.

JPF - Como foi a mudança para Maringá, praticamente como a primeira psicóloga da cidade?

Eu mudei pra Maringá em 1972, fui a primeira psicóloga a abrir consultório aqui na cidade e fui recebida, muitas vezes, com estranheza e até certo nível de rejeição quando diziam: “sai de perto dela por que ela tem um raio-x e vai ver tudo o que tem dentro de você” ou muito constrangimento quando as pessoas se agarravam a mim, onde eu estivesse, para falar de sua vida íntima, condições essas de quebra de sigilo que eu não podia estar ouvindo. Desde 1972 trabalhei para a Universidade Estadual de Maringá no psicotécnico para motorista e dando aulas no Curso de Administração de Empresa que estava em fase de implantação.

JPF - Quais foram as primeiras experiências da senhora com a tortura?

Na década de 80 eu recebi no consultório ex-presos políticos torturados pela Ditadura Militar. Eu havia vivido/participado

na cidade do Rio de Janeiro de movimentos de resistência contra a Ditadura de 1964, que foram silenciados a partir de 1968 pelo Ato Institucional Nº 5. Na escuridão da ausência de informações, da ignorância de todos nós do que ocorria nos porões da Ditadura, se escondiam as torturas, os assassinatos, as mortes, os desaparecimentos de presos políticos.

Quando do atendimento a esses ex-presos políticos, inexistia no Brasil estudos de Psicologia que examinassem o sofrimento da tortura vividos por eles e muito pouca bibliografia de outras áreas do conhecimento. Afinal ainda estávamos vivendo sob o silêncio dos horrores a Ditadura Militar que só foi “suspensa” com a primeira eleição para presidente da República em 1985. Muito pouco, portanto, eu conhecia das particularidades psicopolíticas dessa tortura vivida por meus clientes e tive, inicialmente, muita dificuldade no atendimento; afinal, não sabia porque era aplicada tortura a esses presos já que eles não eram criminosos. Fiquei, depois, sabendo que a tortura era aplicada para forçar a delação de outros envolvidos com o movimento de oposição à ditadura, o que feria a dignidade desses meus clientes-ex-presos políticos ao não fazer essa denúncia.

Fui viajar por toda América Latina para buscar informações e eu fiquei sabendo de psicólogos no Chile (Elizabeth Irya) e na Argentina (Diana Kordon) que trabalhavam a questão das ditaduras latino-americanas. Na Argentina esses psicólogos sofreram repressão e muitos se exilaram no Rio de Janeiro e São Paulo e entre eles havia renomados profissionais que se posicionaram contra os horrores da tortura e da repressão em seu país. Nessa época esses psicólogos já haviam dado início a uma teorização sobre as torturas e a desumanização a que foram submetidos os presos políticos. No Brasil não houve essa preocupação até há bem poucos anos atrás e até a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro albergou um médico-torturador –Amílcar Lobo – que torturou e matou muitos presos políticos na “Casa de Petrópolis” (psicanalista Helena Besserman Vianna). Eu não encontrei e desconheço trabalhos de psicanalistas sobre pessoas que haviam sido torturadas, pessoas que sofreram de fato uma violência objetiva e real nas prisões sob as cruéis sessões de tortura. Dessa maneira meu grande enigma era o de não compreender o que era a tortura, isso me dava muito angústia no atendimento. A tortura era aplicada para obter confissão, não era castigo, mas sim voltada para que se falasse o que o torturador deseja saber, no caso, denunciar os outros companheiros. A partir deste entendimento, eu comecei a atuar de maneira mais clara, não apenas na posição kleiniana mas, também, ao considerar os processos identificatórios de natureza psicossocial que integraram a construção das identidades subjetivas desses ex-presos, alguns tão traumáticos que não foram passíveis de elaboração... A tortura é social, aplicada pelo aparato de repressão do Estado, que detém o poder da violência legítima (Yves Michaud) e tem assegurado o direito de violentar e maltratar os indivíduos. O Brasil é o único país da América Latina que não puniu os torturadores da ditadura.

No Chile, por exemplo, Pinochet foi preso, todos os presidentes da época da ditadura no Uruguai e na Argentina foram presos. No Brasil existe hoje a Comissão da Verdade, que está conseguindo denunciar muitas das arbitrariedades dos governos militares, mas não está conseguindo levar para a Justiça os militares e policiais torturadores, protegidos que estão pela Lei da Anistia. Apenas algumas denúncias desses

horrores vem vindo a público e de maneira mais ou menos sutil são divulgadas pela imprensa.

Agora em 2013 eu participei de um livro editado pelo CFP (Conselho Federal de Psicologia) que se chama “A Verdade é Revolucionária” em que fiz um depoimento sobre minha atuação profissional com esses ex-presos políticos.

Diante de todas estas vivências eu não poderia jamais desconsiderar o que vem do mundo externo, o que vem da cultura, o que vem da sociedade e quer nos destruir de alguma forma. Através da minha orientação de mestrado e doutorado por Iray Carone, passei a trabalhar com a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. Theodor Adorno, que é um dos autores mais importantes desta escola, analisa e conclui que a interiorização da cultura íntegra e é veiculada pelo processos introjetivos e projetivos inerentes ao psiquismo. Outro conceito importante que tive contato foi o da violência simbólica (indústria cultural), pois diz respeito a uma violência que atinge o psiquismo, mas não provém do corpo e nem do aparato psíquico inconsciente (instinto de morte) e, sim, é de natureza social. Neste contexto nós fazemos a passagem da sociedade para a cultura ao examinar determinados fenômenos violentos da cultura.

JPF - A senhora tem vários estudos sobre violência, como se deu o interesse pelo tema?

Os fenômenos violentos atingem os indivíduos principalmente pela mídia, via “ideias”, que integram as ideologias e que os indivíduos internalizam esses simbólicos, responsáveis por destruições na constituição do psiquismo e até no corpo, como podemos ver atualmente. Freud diz textualmente que o homem não consegue viver sem o amparo de outro homem, sem a relação de amor, sem internalizar formas libidinosas de convivência; na falta disso o homem cai no desamparo e se destrói, enovelado pelas arbitrariedades, exclusões e violências da sociedade em que vivemos.

Podemos ver isso claramente nos dias de hoje. Basta andar aqui pela cidade de Maringá, na Avenida Tiradentes, por volta de 23h e meia noite e ver uma distinção de classe social nos diferentes quarteirões em que a juventude se concentra. As violências nas cidades estão apoiadas no preconceito e exclusão das classes pobres. Outro acontecimento recente são os “rolezinhos”. A população rica sempre frequentou os shoppings centers, considerado “templo do consumo” e hoje quem está indo no shopping é, também, a juventude pobre para ser de lá expulsa sob repressão policial...

JPF - Você produziu uma ampla teorização e ações sociais com o projeto Phenix, voltadas à consciência crítica e a libertação desta ideologia, de que forma ocorrem estas atividades?

Já estou entrando no sexto livro que está no prelo e nele faço uma síntese sobre todo esse trabalho que venho desenvolvendo desde o atendimento aos ex-presos políticos. O título desse livro é “Arquitetura da Violência e a Com-Formação Traumatizante das Subjetividades. É Possível Outra Alternativa?” e outros livros que foram publicados pela EDUEM- Editora da Universidade Estadual de Maringá. O último livro editado foi lançado agora em março de 2014 e chama-se “Psicanálise, Teoria Crítica e Cultura - uma leitura psicopolítica da subjetividade contemporânea”.

Linda Li
Viagens e Turismo

PARA TODOS OS DESTINOS...

...UMA SOLUÇÃO PERFEITA!

WWW.LINDALI.COM.BR
AV. RIO BRANCO, 264 A
(44) 3305-3662 / (44) 9911-3663

DICA DE FILME & DICA DE LIVRO



Clube de Compras Dallas e a Reconstrução

Em certo conto budista um homem vai encontrar seu mestre a fim de ter as respostas de suas reflexões, e ao se aproximar, o mestre diz:

“Por que trouxe tantas pessoas para a conversa?”

Ele se virou pra traz a fim ver de que multidão falava o mestre, e não havia pessoa alguma.

O mestre se referia a conceitos forjados, não se pode construir sobre o que está já feito. Clube de Compra Dallas é exatamente sobre a desconstrução. Os mais jovens talvez nem se lembrem, mas o cenário para portadores de HIV a mais ou menos 30 anos era caótico, os diagnosticados eram automaticamente enquadrados como homossexuais, libertinos ou consumidores de drogas injetáveis.

Quando Ron Woodroof (Matthew McConaughey), um caipira valentão é diagnosticado como soro positivo e obrigado a conviver com outros infectados ele se vê de frente com seus conceitos arraigados e ideias obsoletas, então se reconstruir passa a ser para o personagem tão importante quanto sobreviver.

E ainda pode ser que a abordagem mais importante do filme nem seja essa. O que torna a história ainda mais sensacional. Ron, quando inicia o tratamento que lhe fora proposto pelo hospital, descobre que os remédios com que são tratados os portadores do vírus é altamente nocivo

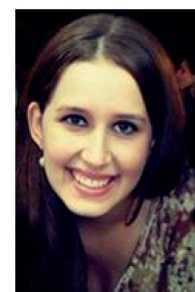


LUIZ ANTÔNIO LAZARIN TRENTINALHA, graduado em letras, pós graduado em artes, estudante do 2º ano de psicologia da UNICESUMAR e membro do JPF

e os seus efeitos colaterais devastadores. Neste cenário o caipira descobre que as medicações que realmente fariam bem aos degredados são proibidas pela Indústria Farmacêutica.

Quando Woodroof conhece Rayon (Jared Leto), outro que fora diagnosticado com o vírus, seconstrói uma parceria que culminaria em uma improvável amizade. Rayon é homossexual, opção não aceita por Ron até então. Clube de Compras Dallas seria o local onde venderiam os medicamentos proibidos pela Indústria Farmacêutica a outros infectados, assim que se associassem ao clube. Os remédios proibidos são contrabandeados por Ron que viaja o mundo todo atrás das fórmulas.

Os atores o fazem com tamanha maestria e a injustiça das autoridades é tamanha para com os que realmente precisam dos medicamentos que nos faz repensar e reconstruir até os conceitos sobre o tráfico. O caipira raquítico nos faz imergir em nós mesmos e também nos mostra uma extensão cruel da realidade onde homens enfraquecidos tiveram que lutar contra gigantes; da indústria farmacêutica e das sombras da corrupção por trás do sistema. A mudança conquistada a ferro e fogo demorou, mas chegou.



MARIANA
FERNANDES
ZANINI
5º ano psicologia
UNICESUMAR

Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração

O ex-prisioneiro 119104 relata no livro suas experiências no campo de concentração, não pretende com isto descrever os horrores vividos lá, mas tratar de experiências pessoais que milhares de prisioneiros viveram de muitas formas. É a história do campo de concentração, contada por um dos seus sobreviventes, o Psicólogo Viktor Frankl.

Durante a narrativa, Viktor nos leva a reflexões sobre o sentido da vida. Expõe ainda, as fases pela qual passou desde sua chegada ao campo de concentração, onde lhe tiraram tudo o que tinha, menos sua existência. Além disso, reflete sobre as questões do suicídio, ou como denomina no livro “entrar no fio”, única saída vista por muitos dos prisioneiros. Também relata suas experiências de saudade de sua esposa, e a dor de se questionar “será que ainda está viva? onde estará?” e não saber a resposta, e aí entra sua percepção do que é realmente o amor, que nas palavras dele “pouco tem a ver com a existência física de uma pessoa. Ele está ligado a tal ponto à essência espiritual da pessoa amada...”

Frankl nos envolve em sua dor, não apenas a física,

mas a dor da insensibilidade, a dor psicológica, a dor da desconsideração pelo humano, à dor da ausência de sentimentos. Mesmo, nos mostrando várias de suas reflexões e aprendizagem, o objetivo maior de Frankl ao escrever este livro, me parece ser atentar-nos para o fato de que mesmo diante do sofrimento, há de ter um sentido na vida, que não podemos perder a esperança e nem desistir de lutar, pois ninguém conhece o futuro.

Ao sair do campo de concentração, alguns anos depois, Frankl escreve: “a vida humana tem sentido sempre e em todas as circunstâncias, e que esse infinito significado da existência também abrande sofrimento, morte e aflição”.

A obra do ex-prisioneiro nos faz refletir sobre o sentido que damos a nossa vida, sobre a esperança que precisa nascer a cada novo dia, sobre a importância de tentarmos encontrar um sentido até mesmo no sofrimento, e com ele aprendermos. Ao ler o livro, você poderá fazer enlances entre as reflexões e experiências de Viktor Frankl, e as suas próprias, mesmo que sua realidade seja tão distante da que ele viveu. Boa leitura!



Café Literário
Livraria e Cafeteria

Fone: (44) 3024-0104
Rua Prof. Lauro Werneck, 1023
Salas 4 e 5 (ao lado da UEM)

ESTE E OUTROS LIVROS PODEM
SER ENCONTRADOS NA LIVRARIA E
CAFETERIA CAFÉ LITERÁRIO

ACONTECEU



“Segredos em Família” é tema de abertura da primeira Oficina do Saber do ano

As psicólogas Juana Kogan e Rosana Parré ministraram a primeira Oficina do Saber do ano, com o tema “Segredos em Família”, no dia 27 de fevereiro. A palestra teve os ingressos esgotados antecipadamente, demonstrando o interesse do público em descobrir qual o segredo a ser revelado. Por definição, segredos despertam a curiosidade devido ao caráter comprometedor. É uma informação valiosa que, quando tornada pública, pode trazer consequências. Pensando nisso, os estudantes e profissionais da psicologia lotaram o auditório da PUC para desvendar o que estava por trás do tal mistério familiar.

Apresentando um caso atendido há mais de 20 anos - sem revelar os nomes reais -, as psicólogas discutiram a relação de uma criança adotiva com a irmã mais velha e com

os pais. Apresentaram a inteiração familiar, o histórico do processo e alguns desenhos feitos na época. Ao final, foi aberta uma discussão e o público pode tirar dúvidas sobre o caso e, também, fazer observações pertinentes ao assunto, além de trocar experiência sobre o atendimento clínico.

Para Juana, a possibilidade de conhecer um caso novo e de poder tirar dúvidas é muito importante para quem já é ou quer se tornar psicólogo clínico. Segundo ela, a oficina oportuniza um contato com a realidade que nem todos vivenciam, mas tem a curiosidade de conhecer. Já para os profissionais da área, trata-se de uma oportunidade de aprender a técnica e os pensamentos clínicos nas relações mais veladas que envolvem o âmbito familiar.

Austrália é o primeiro destino da Oficina do Sabor



Em parceria com o Restaurante Madeira, o Grupo Psicologia em Foco promoveu no dia 25 de fevereiro a primeira edição da Oficina do Sabor. A cada encontro, a iniciativa busca explorar o panorama cultural, curiosidades e a culinária de determinado país com palestras demonstrativas e degustação de pratos típicos. A Austrália foi a primeira nação escolhida pelos organizadores do evento, e os convidados tiveram a chance de conhecer mais sobre sua história, costumes, peculiaridades e gastronomia.



Etiqueta pessoal e profissional é tema da Oficina do Saber

Palestra promoveu discussão sobre comportamentos sociais dentro e fora do ambiente de trabalho

No dia 20 de março, o Grupo Psicologia em Foco promoveu mais uma edição da Oficina do Saber com o tema “Etiqueta Pessoal e Profissional”, ministrada pela fonoaudióloga Maria Luisa Leonel. O desenvolvimento da autopercepção e o conhecimento sobre as regras de educação e conduta no relacionamento pessoal e profissional estiveram entre os tópicos discutidos.

Maria Luisa apontou que aprimorar as capacidades técnicas é importante, mas desenvolver as habilidades sociais é fundamental, porque além da competência e do foco em resultados, alavancar a carreira

pode depender de “algumas regrinhas de etiqueta”. Ela reforçou que a utilização da inteligência emocional, ou seja, de tirar proveito da capacidade de se relacionar com outras pessoas pode, também, ajudar a definir o futuro profissional.

A palestrante tirou dúvidas e conversou com o público o tempo todo para auxiliar na maneira de lidar com as diferentes situações do dia a dia e de conseguir driblar com elegância as saias justas que aparecem no mundo corporativo. Maria Luiza fez demonstrações e ajudou na compreensão de temas como a forma de apresentação, recepção de visitantes, uso de telefone e redes sociais, resposta aos e-mails, comunicação em reuniões, comportamento durante as refeições, além dos cuidados com a imagem.

Em um ambiente decorado e aconchegante, o professor do Departamento de Psicologia da UEM Carlos Eduardo Lopes ministrou uma curta palestra com tema filosófico, baseando-se na Austrália como ponto de discussão. Na sequência, o historiador Sidnei Guerra teve a palavra para dar uma aula sobre a história de formação cultural do país. O sommelier Fabio Lima conquistou o público pelo estômago ao comandar uma deliciosa degustação de vinho ao mesmo tempo que explicava as propriedades da bebida.

Além de alimentar a rede de conhecimento, os convidados saborearam cinco pratos que compunham o cardápio, composto por entrada, pratos principais e sobremesas típicas. O jantar ficou por conta do chefe e proprietário do Madeira Grill, Marcelo Serafim. Os convidados não saíram de mãos abandando. Durante o jantar, foram realizados sorteios de livros, vinhos e cervejas artesanais de rótulo australiano.

A segunda edição da Oficina do Sabor, agendada para meados de abril, desembarca na Índia para mais uma noite de sabores e saberes.

A LIDERANÇA COMEÇA NA VOZ

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA COMUNICAÇÃO - PDC

NOVAS TURMAS

INSTITUTO VOZ

ANIMAMP

(44) 3031-5056

INSTITUTOVOZ@INSTITUTOVOZ.COM.BR

WWW.INSTITUTOVOZ.COM.BR

AÇÃO SOCIAL

ENTRE ASPAS



MATERNATI

O Maternati constitui um espaço com intuito de conscientização e preparação da gestante e do casal para esclarecer suas dúvidas e aumentar confiança e disponibilidade para a maternidade e a paternidade, uma vivência mais ativa em todo esse processo tão emocionalmente intenso, de gestar, dar à luz e cuidar.

Acreditamos na importância do apoio e proximidade, no respeito às escolhas de cada família, no cuidado como fundamento principal, e na transformação individual e social gerada por uma maternidade e paternidade mais ativa e consciente.

Então, promovemos as Rodas de Conversa, um lugar de diálogo,

aberto a todos os interessados em aprender mais sobre os assuntos relacionados à gestação, parto, e cuidados com o bebê. Nestes encontros há troca de experiências e a democratização do conhecimento, focando em temas tão importantes como a humanização do parto, a promoção do vínculo, a amamentação, entre outros.

Pois quando dividimos experiências, somos capazes de multiplicar os saberes e propor reflexões, desfazendo mitos e gerando confiança. As Rodas ocorrem uma vez por mês, e a participação é gratuita. Para saber mais: www.maternati.com.br ou facebook: Maternati Grupo de Gestantes e Mães.

MERGULHO

*Almejo mergulhar
na solidão e no silêncio,
para encontrar-me
e despojar-me de mim,
até que a Eterna Presença
seja a minha plenitude.
(in Sempre Palavra, 1985)*

HELENA KOLODY

**“A vida bem
preenchida
torna-se longa.”**

LEONARDO DA VINCI

AGENDA CULTURAL

Psicologia Analítica e Religião Oriental e Ocidental em Maringá - PR

Diante da urgente necessidade de redescoberta do homem interior, o ICHTHYS Instituto criou e - há 7 anos - vem aperfeiçoando profissionais neste curso de pós-graduação Lato Sensu em Psicologia e Religião, tendo por base a Psicologia Analítica de Carl Gustav JUNG e sucessores, cujas obras despertam grande interesse na atualidade. Esta iniciativa proporciona ao aluno o conhecimento das forças e mecanismos que governam desde as profundezas da psique. O curso aprofunda, com especial ênfase, a relação das ideias da psicologia analítica e o fenômeno da religião. Percorrendo o horizonte dos mitos, símbolos e conjunto de crenças, pretende-se acessar o “tesouro de difícil acesso”, que despertou nos homens de todas as épocas, a busca por um sentido superior.



ICHTHYS
Instituto
 de Psicologia e Religião
www.ichthysinstituto.com.br

Contatos: Maria Cristina Recco
 44 3028-4828, 44 8802-1360

O GTEP - GRUPO DE TRANSMISSÃO E ESTUDOS DE PSICANÁLISE DO DEPARTAMENTO DE PSICANÁLISE DO INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE E RODA DE PSICANÁLISE OFERECEM:

FORMAÇÃO BÁSICA EM PSICANÁLISE

REQUISITOS: Conhecimento básico da teoria psicanalítica, estar em atividade clínica (clínica particular ou instituição), análise pessoal e supervisão.

DURAÇÃO: 04 anos

CARGA HORÁRIA: 8 horas mensais

INSCRIÇÕES PARA SELEÇÃO: até 05/05/2014

Nº DE VAGAS: 20 (vinte)

PROCESSO SELETIVO: Entrevista individual e análise dos documentos

TAXA DE INSCRIÇÃO: R\$ 80,00

ANUIDADE: Matrícula R\$ 350,00 + 9 parcelas de R\$ 350,00

INFORMAÇÕES: www.rodadepsicanalise.com.br
rodadepsicanalise@gmail.com

realização



Roda de Psicanálise
teoria, clínica e cultura

HIPERATIVIDADE DIAGNÓSTICO NA INFÂNCIA: DO MAL-ESTAR À MEDICALIZAÇÃO

Com Julieta Jerusalinsky

30 e 31 de MAIO DE 2014

Sexta das 19h às 22h | Sábado das 8h às 12h

INVESTIMENTO:

Estudantes - até 30/04: R\$60,00 | após 01/05: R\$80,00

Profissionais - até 30/04: R\$80,00 | após 01/05: R\$100,00

44 3265.1011 | 3031.4484 | 9914.2196 | 9131-6991

Maringá-PR

Julieta Jerusalinsky: Psicanalista, Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP, Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP, Especialista em estimulação precoce. Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA). Pesquisadora vinculada ao laboratório de psicopatologia fundamental da PUC-SP. Professora do Centro Lydia Guitat e de diversos cursos. Autora dos livros: "Enquanto o futuro não vem - A psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês" (Agalma, 2002) e "A criação da criança - Brincar, gozar e falar entre a mãe e o bebê" (Agalma, 2011).



INSCRIÇÕES PELO SITE

WWW.NECPAR.COM.BR

PÓS-GRADUAÇÃO

2014
Pós-graduação
Cursos Lato Sensu

EDUCAÇÃO SEXUAL E TERAPIA SEXUAL

INÍCIO PREVISTO PARA 17 DE MAIO DE 2014

Coordenação:

Ms. Eliany Regina Mariussi - CRP 08/04751

Público-alvo:

Educação Sexual: Professores, pedagogos, assistentes sociais, pastores, padres, médicos, enfermeiros, advogados, matemáticos, geógrafos, estudantes a partir do 4º e 5º ano de graduação de todos os cursos que se interessarem pelo assunto.

Educação e Terapia Sexual: Estudantes do 4º e 5º ano de Psicologia, Psicólogos e Médicos.

AV. NÓBREGA, 562, 2º ANDAR, ZONA 4, MARINGÁ - PR

MARKETING@NECPAR.COM.BR | (44) 3031-7182